

# JORNAL DE ESPOSENDE

mensário informativo e regionalista



"Jornal de Esposende"

Fundado por um Grupo de Esposendenses

Director e Proprietário:  
Armando Marques Henriques

Redacção-Administração

Av. Marginal — Norte  
4740 ESPOSENDE

Composição e Impressão

Editora Poveira, Lda  
R. Manuel Silva/4490 Póvoa do Varzim

Preço: 15\$00

## Flash do mês

**O Governo vai investir 13 milhões de contos no melhoramento de PORTOS**

— Sobrará alguma «migalha» para Esposende?

O título é da imprensa diária que não deu muito destaque ao facto. O sub-título é nosso porque já sentimos na carne as consequências da situação actual da nossa barra e porque pretendemos saber como e quando se procederá ao melhoramento e defesa da zona marítima de Esposende.

Isto porque o investimento na ordem dos 13 000 milhões de contos contempla melhoramentos portuários e de defesa da zona marítima portuguesa — como revelou o ministro dos Transportes e Comunicações, Viana Baptista — e, essencialmente, porque as promessas feitas às entidades locais apontam para este ano a resolução do problema.

A afirmação do ministro foi feita quando da visita que fez à Direcção-Geral de Portos a fim de se inteirar dos trabalhos em curso e a médio prazo.

Esperemos que entre esses trabalhos esteja realmente solucionado o problema da barra e protecção de Esposende, aliás, o ano passado assegurado pelo Director-Geral de Portos. Entretanto, mais um Inverno começou, infelizmente seco, para a conjuntura actual de sementeiras e energia, mas felizmente ameno para as populações ribeirinhas que na dureza de Invernos anteriores têm sentido o abandono daquele departamento estatal. Será ou não será desta vez que, no caso concreto desta vila, o problema ficará resolvido? Ou alguém estará a jogar com o período da seca, para ganhar tempo, e protelar a resolução para o próximo ano?

Prometido é devido, diz o povo, Sr. Director-Geral de Portos — será mesmo?

Aguardemos com paciência, na certeza de que, também ela, tem limites!

## VOGAIS DA JUNTA

e membros da Assembleia de Freguesia de Fonteboa, renunciam ao «mandato»

Presidente da Junta — mais vale só, que mal acompanhado...

Os vogais da Junta de Freguesia de Fonteboa, Srs. António Vendeiro Catarino e José de Faria Cruz, respectivamente, Secretário e Tesoureiro, apresentaram os seus pedidos de renúncia, por incompatibilidade na mesma com o respectivo Presidente.

De igual forma todos os membros da Assembleia de Freguesia se solidarizaram, renunciando, por desconfiança para com o Presidente da Junta, nas atitudes assumidas por este e pelo não cumprimento das deliberações tomadas pela Assembleia de Freguesia.

O problema da desavença entre membros da Junta, da Assembleia e o Presidente da Junta, parece residir na extracção de areias. Enquanto a

Assembleia de Freguesia pretende que o pedido para extracção seja feito às entidades competentes, o Presidente da Junta que assina o requerimento por razões métricas de terreno, comunica aos seus amigos para obstruírem aquele que assinou — segundo palavras do esclarecimento público divulgado pela Assembleia de Freguesia.

Outra das razões será o local mais indicado para a referida extracção. Uns pugnam pela margem direita do Cávado, no sítio da Torta, enquanto outros reclamam e protestam contra tal extracção.

Em Fonteboa parece que ninguém se entende. Que mais irá acontecer?

## O RESTAURO DOS PAÇOS DO CONCELHO

**O Ministro da Administração Interna solenizou a inauguração das novas instalações**

Era domingo, dia 15 de Fevereiro, mais de sessenta anos depois da grande transformação e remodelação do edifício e, para satisfazer às necessidades funcionais daquela época distante.

No restauro agora operado, que o crescente serviço administrativo já impunha ao município, custou mais de treze mil contos, sendo auctor do projecto, o Arq.º Noé Dinis, amigo e admirador de Esposende. O acto inaugural, por tudo isto, mereceu honras especiais.

O edifício, cuja traça ainda se conserva, é das melhores arquitecturas e data do princípio do século XVIII. As modernas instalações, previstas para o futuro, teve um total aproveitamento da área ante-

riormente ocupada pelos serviços judiciais, alargando-se assim, de molde a proporcionar maior funcionalidade e aproveitamento dos espaços, até agora escassos.

Muita gente esteve presente à cerimónia inaugural, simples mas significativa, dada a presença de numerosas entidades oficiais, destacando-se o Ministro da Administração In-

terna, Governador Civil, Deputados da Aliança Democrática, representantes de partidos políticos, entidades civis e religiosas locais, militares, Bombeiros Voluntários de Fão e de Esposende, Assembleia e Conselho Municipais e Juntas de Freguesia, Presidente da Câmara e vereação.

(continua na 6.ª página)

«O edifício é o símbolo da concórdia e da compreensão de todos e de efeito sadio, até com reflexos partidários»

— Palavras do Dr. Fernando Amaral, Ministro da Administração interna, quando se dirigiu aos esposendenses que enchem o amplo Salão Nobre dos Paços do Concelho de Esposende.

## Manuel de Boaventura

ADMIRADO PELO POVO QUE O TORNOU POPULAR

A exposição bio-bibliográfica sobre Manuel de Boaventura, aberta ao público no passado dia 15 de Fevereiro último, quando da inauguração das novas instalações dos Paços do Concelho, ultrapassou todas as expectativas, malgrado as críticas, sempre provocadas, surgidas na sequência da justa homenagem feita pelo Município local, ao homem, ao contista e ao etnólogo, que foi o Mestre da «Casa de Susão».

Cerca de 1500 visitantes passaram durante menos de duas semanas pelo edifício da Câmara Municipal para ver e admirar a vida e obra do escritor.

Não só o povo adulto lá esteve, para confirmar as impressões que dele Manuel de Boaventura transcreveu e re-

colheu em vários livros publicados e em apontamentos inéditos, mas, também, as crianças (continua na 2.ª página)

## PALMEIRA DE FARO

A leste da vertente do Faro, alonga-se a freguesia de PALMEIRA, plena de vegetação de matizes variados, de quintas e pomares bem tratados, de belas moradias, de uma população laboriosa e hospitaleira. Há hoje quem lhe chame a nova «Sintra do Concelho»... E talvez Manuel de Boaventura também assim pensasse...

(Ler a Página 3)





# Manuel de Boaventura e a Casa de Susão

## «NO PRESIDIO»

(Memórias dum Conspirador)

—1913—

XVII

Sábado, 24 de Agosto.

Faz-me mal ver crianças. Ontem, às 5, depois de ter sido servido o rancho aos soldados e aos presos pobres do presidio, as fuchinas fizeram a distribuição dos sobejos por uma multidão de crianças que aguardavam na rua, em redor da carroça, a chegada do caldeirão.

Umam eram pequeninas, de 3 a 4 anos; outras mais espi-gadotas dos 6 aos 8. Havia também alguma velha andrajosa que conduzia ao colo um netinho, ou uma mãe pálida famélica, que aleitava um infante de meses de vida, apenas. Todos tinham na mão uma vasilha. Uma tigela de barro vermelho, uma sopeira pequena, uma malga ou uma panelinha de folha. Entre eles eu vi, — sentindo as lágrimas nos olhos — duas criancinhas loiras, por certo irmãos, que encostados à parede, de mãos dadas, aguardavam que lhes chegasse a vez de serem contemplados com uma pequenina ração que fosse. Devia ter o mais velho 5 anos e a irmãzinha de cabelos loiros caídos, não tinha mais de 3 ou 4. Por um sentimento de amor paternal eu comecei a interessar-me pelas duas crianças, a analisá-las, a estudá-las. De cima da minha janela do 3.º andar, eu não podia erguer a voz e suplicar em nome da igualdade, que fosse dado àqueles desprotegidos, que não sabiam ainda lutar pela vida — o quinhão a que tinham jus. Vencem os mais fortes.

E os pobres enjeitadinhos da Fortuna lá ficaram no mesmo sítio, doridos da injustiça que lhes fizeram, talvez roídos de fome...

As lágrimas caíam-me dos olhos, escaldavam-me a face, perolavam-me já no casaco. A comoção embargou-me então a garganta, sentia o coração contrair-se de dor. Porque, naquele momento, comecei a achar extraordinárias semelhanças entre eles e os meus dois filhos. Sobretudo a pequena. Era o mesmo cabelo loiro, a mesma face risonha. Os seus olhos meigos deviam também ser azuis como dois fragmentos do céu. Era bem um retrato da minha pequenina Idalina, que a essa hora, por certo, em casa, perguntava pelo seu papá, supondo-o, talvez perdido para sempre. Minha pobre filha! Como a tua recordação me enche de saudades. A minha memória está a fazer sobressair toda a tua pequena existência de 3 anos. Sobre a tela da imaginação, como em fita cinematográfica, vejo-te pequenina, com 6 meses, fugindo do colo materno para os meus braços amigos. Depois,

Manuel de Boaventura, cuja exposição bio-bibliográfica encerrou na passada semana, com a conferência proferida pelo Dr. Jernardino Amândio, também tem direito à homenagem que de «Jornal de Esposende», ele que tanto colaborou na imprensa regional e que, segundo apontamentos seus, teria pensado, depois da saída de «O Cávado», de Esposende, no lançamento dum semanário, curiosamente, com o mesmo título do nosso.

Tem-no, apesar de em números anteriores lhe termos dedicado espaço merecido, pelo que deveria ser um mestre do jornalismo regional, quer através da análise à sua vida e obra pela pena do nosso colaborador Dr. Manuel Sobral Torres, quer na publicação de alguns contos seus.

A nossa homenagem irá, essencialmente, tentar dissecar, com a ajuda dum escrito seu, a faceta do homem, arreigado à família — no «templo de Susão»; como fica demonstrado pelas inúmeras alusões que faz nos seus apontamentos, falando na doença, nos aniversários, nas viagens, etc., de seus filhos e esposa.

Manuel de Boaventura retratou-se ao escrever «O Presidio». E esta tendência do carinho pela família, tão tradicionalmente cristã e minhota, descreveu-a na apreciação que fez a dois miúdos pobres que angariavam «restos do rancho» no local onde esteve preso e que transcrevemos a seguir.

Quanto à faceta do contista e do escritor ela será realçada na publicação dum romance inédito que «Jornal de Esposende», possivelmente, irá começar no próximo número.

quando ensaiavas os primeiros passos, procurar o amparo paternal das minhas pernas, nos corredores e nas salas, no pátio coberto de vinha, ou na eira banhada de sol.

E há dois meses ainda, quando a doença te prostrou, e a morte se quis instalar à tua cabeceira, a tua mãozinha cor de séra segurava a aba do meu casaco para que eu me não ausentasse e te prodigalizasse carinhos; te distraísse com brinquedos e te aliviásse das aflições cruéis dos padecimentos. Meu pobre anjo! Se estás hoje doente, quem te presta esses cuidados? É bem certo que te não faltam as carícias maternas, nem os afagos dos avós, nem os inocentes beijos do Anselmo, do teu pequenino irmão, que tem já propósitos de homem. Mas o que tu não poderás ver é a face amiga do teu papázinho que te trazia todas as tardes bolos, quando vinha de Esposende, ou dos passeios habituais. Essa, há 9 dias que a não vês, e quem sabe mesmo se a tornarás a ver?

Tu já sabes, minha filha, o que é Bondade e o que é Maldade. És muito pequenina ainda, mas o teu cérebrozito em formação, faz já ideia do Bem e do Mal. Como tu te deleitavas quando vias as bombas brancas esvoaçarem em volta do pombal com bicadas para os filhos! E, como te entusiasmavas, vendo na macieira as avesinhas forrar os ninhos de penugens finas! Isto para ti são exemplos práticos de Bondade.

Mas quando o cão amarelo do vizinho morde o pobre que pedia esmola, e o gato pardo do caseiro arranhava o Anselmo, o teu irmãozinho querido — tu encolhias-te, contristada, buscavas o abrigo protector do teu papá e, no teu cérebro, registavam-se tais

acções como maldades cruéis! Pois, filha, assim como há animais bons e maus, há bons e maus homens.

Agora deixa-me falar ao nosso querido Anselmo, ao teu companheiro dos brinquedos, a esse teu irmãozinho que já pensa e quase que já lê aos 5 anos.

Filho: Esse pequeno menino que eu ontem vi da janela do meu quarto devia ter a tua idade. Como tu tinha também uma cabecinha loira, era igualmente gorducho, andava descalço, e vestia um fatinho à maruja, esfiado, já desbotado. Talvez um menino rico, de bom coração lho tivesse dado, depois de o supôr sem préstimo para si...

Esta caridade será cristã, mas, com certeza, não é humanitária. Dar aos outros aquilo que nós não queremos, por ser velho ou rôto, cabe nos limites da esmola, mas vai de encontro à sã moral do socialismo bem compreendido. Um menino rico que encontra um seu companheiro de folguedos esfarrapado deve, mas sem o vexatório aspecto da esmola, ceder-lhe um dos seus fatinhos, repartir com ele os seus bolos e os brinquedos. Isto é que é a grande moral do futuro que tu em parte já tens praticado inconscientemente, é claro, mas por um instinto inato de bondade imanente e de humanitarismo infantil. Quantas vezes te não vi eu fretar os bolsos de fruta, meia dúzia de vezes ao dia e ires distribuí-la fora, no largo coberto de vinha, da nossa aldeia pela colónia de pequeninos vizinhos que te rodeava? Depois correres ao forno ou à masseira onde a abundância abençoada do nosso pão era certa, e pedires duas fatias cheirosas

da boa boroa que a tua mãezinha havia fabricado — uma para ti e outra «para um menino que não tinha pão há dois dias». Afinal, dois minutos depois, ninguém sabia já o fim que havias dado à tua fatia...

Isto repetia-se todos os dias três, quatro vezes. E no entanto nada nos fazia falta e eu rejubilava com o teu procedimento. Praticavas, na escola da Vida, a bela moral do socialismo humanitário.

Bem hajas, filho! Não esmoreças nunca na prática do bem, porque a tua franca liberalidade nada tem de prodiga.

Mas eu queria falar-te desse menino que, com uma irmãzinha pela mão, pedia a uns pobres soldados uma esmolinha de rancho para mitigarem a fome.

Quem sabe se o pai desses meninos estaria, como eu, prisioneiro do Estado, e talvez como eu vítima dum engano ou dum vingança infame, dum prejuízo.

Quem sabe se a mãe deles não estaria em casa estendida numa enxerga de trapos, minada pela tuberculose ou escaldada pela febre de muitos dias?

Eu tive o presentimento disto. Por isso as lágrimas me saíram dos olhos candentes e abundantes quando vi todos os outros contemplados, e eles esquecidos!

Se de facto eles tinham de sustentar uma mãe doente, que dia de fome nesse lar desolado!

Lamentei então que a nossa casa não fosse ali perto, e que tu não estivesses presente a

esta cena, gozando a grande liberdade que à tua infantil meninice te outorgam as leis. Por certo tomarias-lhe as mãos, conduziria-lo a casa, vaziarias todo o conteúdo do teu prato na pequenina panela, atufarias-lhe os bolsos de fruta e partirias duma boroa um pedaço de pão tão grande, quanto fosse compatível com as suas forças aguentarem o peso...

Depois, notando as semelhanças que havia entre a desconhecida menina e a tua irmãzinha, era natural que pedisses à tua mamã um vestidinho limpo para substituir por aquele outro, roto, que ela trazia. E, já na rua, quando os vieses acompanhar, despirias a tua blusa e obrigarias o pobre a envergá-la.

Tenho a certeza que farias isto.

Agora falemos da nossa vida, da nossa casa, das nossas coisas.

Tens regado o nosso jardim e sachado a hortinha onde cultivamos a couve-flor, os espinafres e as cenouras? Tens ido à nossa quinta, a Cedofeita, ver o vinho e as fruteiras?

Provavelmente à quinta não tornaste. O teu companheiro de viagem era eu, que com tais passeios tinha em vista insuflar-te o gosto pela agricultura e pela vida pacata da aldeia e das indústrias campestres.

Porque, filho, da agricultura é que sai o pão, o vinho, a fruta, o azeite; o linho dos nossos lençóis e toalhas; e o dinheiro com que havemos de comprar o arroz, o açúcar, o bacalhau e a carne...

## Manuel de Boaventura

admirado pelo povo que o tornou popular...

(continuação da 1.ª página)

ças e jovens, das escolas primárias e preparatória, para conhecerem um pouco mais o património cultural, que é o trabalho do escritor, e que desde há muito deveria ser tornado público.

Para homenagear condignamente a memória de Manuel de Boaventura, a Câmara Municipal que proporcionou e organizou esta exposição, programou uma conferência sobre o escritor, que foi proferida no passado dia 27, pelo Dr. J. Bernardino Amândio (desde muito jovem amigo íntimo do homenageado) no Salão Nobre dos Paços do Concelho. Dado que a mesma se realizou e já o nosso jornal se encontrava na máquina para impressão, no próximo número esperamos dar notícia mais circunstanciada sobre o assunto.

Esta afluência de público à exposição demonstrou mais uma vez que nesta terra e neste concelho a cultura não an-

da arredia das pessoas, em si, mas das entidades competentes. Temos gente: é preciso, então, iniciar a cultura, como parece ser o objectivo da Câmara no presente ano, para bem de todos.



Joaquim Gonçalves Regajo

AGRADECIMENTO

Sua esposa e demais família vêm por este único meio, apresentar a todas as pessoas que de qualquer modo lhes manifestaram a simpatia aquando do falecimento e funeral daquele seu ente querido, a expressão do seu mais vivo reconhecimento.

Esposende, 5 de Fevereiro de 1981.

A Família



**TERRAS DO NOSSO CONCELHO**

# PALMEIRA DE FARO

**Freguesia "descolonizada" do Concelho, que sabe o que quer...**

**— Automóvel também é sede de Junta de Freguesia**

**P**ALMEIRA do Faro, a poente do concelho de Esposende, no limite de Barcelos, tem uma população que ronda as duas mil almas, no sopé do Monte do Faro, com 6 quilómetros na sua maior extensão, com aspirações que, depois do movimento militar do 25 de Abril, tem pugnado por alcançar os seus objectivos na senda do progresso.

Durante a entrevista que vamos transcrever, concedida pelo Presidente da Junta, Alfredo Faria, procuraremos esclarecer as carências e progressos da freguesia.

**Resenha histórica da «Sintra» do Concelho**

Consta que Palmeira terá existência desde o ano de 906 ou 807, devido a vestígios encontrados junto à Capela de Santa Eufémia que o povo designou de Sítio, atribuindo-lhe categoria de Igreja.

Primitivamente, «Sancta Eolália de Palmeira», segundo as inquirições de 1220, passaria a Palmeira do Faro devido, ao que se julga, pelos ramos de Palmeira trazidos pelos peregrinos regressados da Terra Santa. De referir, também, que sendo Barca do Lago passagem obrigatória para os peregrinos de Santiago de Compostela, a freguesia, nesse enfiamento, seria influenciada. Faro, é atribuído à designação do monte, onde se acendiam fogueiras durante a noite, como farol ou facho. O monte que lhe é sobranceiro, situa-se a 184 metros de altitude.

A sua luxuriante vegetação e «os bons ares» constituía, em tempos não muito recuados, «a Sintra do concelho», onde os mais abastados possuíam a sua quintinha ou propriedade murada que destinavam ao descanso de seus donos. Com

o rolar dos tempos, muitas dessas terras foram adquiridas pelos habitantes de Palmeira, muitos deles, jornaleiros dessas quintinhas, libertando-se duma situação de dependência. «Economicamente, éramos autênticos colonizados e todos trabalhavam para eles. Estamos em progresso»,

Palmeira, como tantas outras freguesias do concelho, tem necessidades e muitos sonhos para realizar. Não são difíceis, é certo, no entanto, pugnar até à consumação dos seus objectivos, constitui o lema da Junta de Freguesia, diria o Presidente da Junta.

**«Nunca pedimos o impossível...»**

«As necessidades são muitas e temos trabalhado para conseguirmos o que a freguesia precisa». «Tudo parte do Plano elaborado para cada ano. Em 1979 fizemos um de longo alcance e para longo prazo embora algumas realizações fossem para execução imediata».

Neste espírito empreendedor, a Junta aprecia os problemas, apresenta-os à Assembleia de Freguesia. Depois de

discutidos e tratados democraticamente, compete à Junta levar esses mesmos problemas à Câmara Municipal.

«A receptividade do Presidente da Câmara tem sido das melhores e o diálogo é de tal forma que a falta de estruturas não permitem avançar para obras de envergadura», diria Alfredo Faria quando inquirimos como eram tratados a nível municipal.

Mas, outros problemas, ainda que aparentemente sem qualquer significado, se levantam com frequência. «Não há sede ou local próprio para serem tratados os problemas da Junta. O automóvel serve muitas vezes de sede até por que é aí, onde tenho o selo branco, as mais das vezes».

As condições de trabalho, em face de tais dificuldades, são insuficientes e sem elas, não será possível cuidar devidamente dos problemas relacionados com o povo da freguesia.

«Nunca pedimos o impossível. A construção da sede para a Junta é uma necessidade».

**Sonhos e aspirações, quem as não tem?**

Nesta entrevista, o Presidente desabafa: «o problema habitacional é importante. Seria necessário criar estruturas no sentido de se delimitarem zonas para construção». Mas, diria também: «o incremento da habitação em locais escolhidos para se evitarem despesas ao abastecimento de água, luz, ensino primário, comércio, indústria e locais de distração».

A creche jardim-infantil é ponto assente. Neste momento «só há local mas ainda não está negociado. Será de comprar ou então, por expropriação». Palmeira, na opinião do seu Presidente da Junta não é «zona rural». Temos muitos operários e a falta da creche jardim-infantil cria muitos problemas a quem trabalha que não tem onde deixar os filhos.

Ampliação e beneficiação do cemitério, 20 caminhos ainda por melhorar, abastecimento de água, recolha de lixo por contentores, mais salas de aulas, sobretudo para Susão, de modo a evitar a deslocação dos alunos até curvos e o desenvolvimento turístico a partir do Monte do Faro, são a tónica da Junta, a meta a alcançar durante o presente mandato.

Nada é impossível.

**Ontem e hoje**

Durante mais de 20 anos, Palmeira não teve oportunidade de se desenvolver. Porém hoje, os sinais de progresso e

a vontade da sua gente, catapultam a freguesia para um maior incremento.

Embora sem receitas próprias, a Junta continua a insistir no seu Plano. «Vivemos de subsídios e as obras são feitas por verbas canalizadas pela Câmara. Não temos estruturas capazes de arrecadar as verbas da Lei das Finanças Locais e a que teríamos direito. Contamos com a ajuda da nossa gente para suprir a falta de funcionários», diria o Presidente da Junta.

A alameda de Santo António é dos locais mais aprazíveis para a sua valorização. «Gastaríamos no arranjo mais de 1000 contos. Preferimos atender a outras necessidades prioritárias».

«A freguesia sabe o que quer», diria Alfredo Faria e «não reeamos nada por ter vencido, nas eleições presidenciais, o general Ramalho Eanes. Nas anteriores, venceu a maioria que está no Governo» e as autárquicas venceu o executivo actual, sob a presidência do Eng.º Alexandre Loça.

**A cultura e recreio a crescerem**

Manuel Boaventura foi, sem dúvida, a figura mais ilustre, conhecida nas letras portuguesas, decano que deixou vasta obra literária sobre etnografia. Não admira que Palmeira se sinta vocacionada para a cultura intelectual.

Fazer teatro é um dos objectivos. «Nisto de cultura e desporto estamos em todas. Estamos sempre lá metidos»,

esclareceu o Presidente da Junta. E nas festas, futebol, rancho folclórico, no jornal.

O Desportivo Recreativo Estrelas de Faro, aguarda a sua oportunidade de filiação para disputar torneios oficiais; o Grupo Folclórico Recreativo de Palmeira, constitui um dos índices de cultura o mesmo sucedendo em relação ao jornal Estrela de Faro, publicação que, actualmente, atravessa uma crise que impede a sua regular publicação.

Vontade não lhes falta. Os meios, esses, constituem uma batalha a travar nesta guerra interminável para fazer crescer a freguesia e contribuir para o bem estar da população.

**Lenda de Dom Sapo**

«Aqui jaz D. Pedro, um grande pecador; pede pelo amor de Deus uma avé-maria», lê-se na inscrição da sepultura daquele que foi, segundo a lenda, o libertino e o devasso que experimentava as noivas antes das núpcias.

Por efeito do seu poder, abastança e inerência das mercês reais, exercendo junto da população um profundo respeito e medo, abusava de todas estas prerrogativas. Foi alcunhado, D. Pedro Gayo ou Gajo, de D. Sapo. Por ardil do povo, farto das suas prepotências, veio a ser condenado a morrer e por ordem real. Mas antes, ainda segundo a lenda, manifestou como última vontade, a sepultura junto à porta prin-

(continua na 5.ª página)

**Adolfo do Vale Gonçalves**

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

Telef. 89738

EIRA D'ANA

PALMEIRA

**Adão da Conceição Lima**

**Fornecedor de Alvenaria, Rachão, Oalçada à Portuguesa, Perplanho, Pedras de modida e Abortura do Poços, etc.**

Lugar de S.ta Baia

4740 PALMEIRA

**Lurdes CABELEIREIRA**

**MARIA DE LURDES LIMA GONÇALVES**

Telef. 89738

EIRA D'ANA

PALMEIRA

**MANUEL LINHARES PEREIRA DO VILAR**

**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS E DE ÁGUA**

Lugar de EIRA D'ANA

PALMEIRA



# Noticiário do Concelho

## De Fão

**BOM JESUS:  
UM MILAGRE SUAVE?**

A alameda do Bom Jesus parece agora sobressaltar no rol de melhoramentos que afectará a nossa Vila nos próximos tempos. Era de facto um benefício aguardado com grande interesse, pela necessidade de oferecer àquele lugar, um aspecto condigno, sobretudo pela sua localização.

O projecto, segundo apuramos, é deveras audacioso, além de estruturalmente elegante e definitivo.

A necessidade de apresentar um piso colocado por altura das Festas da Vila, a subordinação de membros da Junta a desejos e opiniões de alguns fangueiros, conseguiram modificações tais, que, em situação análoga, um Órgão Competente conseguiria, como se diz «matar com um cajado 2 coelhos ao mesmo tempo».

Os cubos de granito que formavam o piso da Av. da Praia, agora a sofrer alterações profundas, seriam muito bem aproveitados no calcetamento dos acessos laterais à Rua Serpa Pinto, nomeadamente à Rua da Carcereira, cuja situação é demais conhecida dos responsáveis da autarquia.

Poderão estes objectar que o piso levantado iria para outra localidade. Ora, todos sabemos que, existem em Fão homens de influência a nível camarário. A não ser que apenas sejam para beneficiar interesses particulares.

Que se saiba jogar, neste jogo de interesses!

Por outro lado, o Parque Infantil, aquele quadro miserável de apoio à Infância, deverá merecer um estudo sério, a condizer com as reais necessidades e valor da nossa terra.

Mas vamos aguardar, pois de projectos anda esta Fão cheia, e a sua concretização é geralmente um milagre suave para espanto das nossas gentes.

### FAO TERA CANOAGEM

As actividades desenvolvidas pela actual Direcção do Clube Fãoense, vêm relançar es-

ta Colectividade na estrutura cultural, recreativa e desportiva da nossa terra.

Com o objectivo de proporcionar aos mais novos, e não só, a prática de canoagem, lançou-se, na planificação de um sector, pelo que, está já encomendado o material necessário à consecução dos seus desejos.

Para tal, foi determinante a vontade forte do seu Presidente, Sr. Abel da Costa, que colocou todo o seu empenho na concretização de uma iniciativa que vem favorecer às classes mais jovens sobretudo, permitindo também a todos os sócios a prática de uma modalidade muito salutar.

É com determinação que se constroem estruturas desportivas do género, estando o Clube Fãoense a contar com a colaboração do Ginásio Clube Vilacondense, entidade de renome internacional nesta modalidade.

### APONTAMENTO

O aspecto pitoresco e característico da nossa Vila, com seus traços que lhe atribuem valor turístico internacional, enriquecesse no tempo, com investimentos particulares, alguns dos quais, sobressaem pela sua beleza típica.

E é com garbo artístico que apontamos um novo estabelecimento em Fão, numa viela junto aos Bombeiros locais, cujos atributos regionais mereceram de pessoas ligadas ao ramo, considerandos tais, enunciando-a como uma das mais típicas casas do género, em Portugal.

«Bar do Sérgio» é sem dúvida uma peça de valor turístico a aplaudir.

### ESCUTEIROS COMEMORAM

O agrupamento dos Escuteiros de Fão, comemoraram «O Dia de Baden Powell», com iniciativas várias de participação pública, com projecção de «slides» e representação de pequenas peças executadas em «Fogos de Conselho».

### ASSEMBLEIA NÃO REUNE

A Lei 79/77 regulando a organização do poder local, não é de forma alguma suficiente

ao cabal funcionamento de um órgão autárquico. Necessário será também a dedicação, empenhamento e capacidade do autarca eleito, que deverá manter-se à altura das novas responsabilidades que a maior autonomia para a solução dos problemas e planificação local acarreta.

A nível de freguesia, o funcionamento eficiente da Assembleia como órgão predominantemente deliberativo, exige dos seus componentes a expressão de clara responsabilidade a que a maturidade cívica logicamente os obriga.

O alheamento consciente das suas responsabilidades rotuladas de «autarca falhado», submisso às fórmulas imaturas da sua personalidade, excessivamente egoísta.

E tudo isto, pensará o leitor mais esclarecido e atento, para afirmar que em Fão a Assembleia de Freguesia não funciona, com atribuição retroactiva dos meus considerandos.

Convocar uma Assembleia é tarefa do Presidente. E em Fão é um advogado!

A Lei acima mencionada obriga claramente e define o que se deverá fazer, e que se não fez ainda nesta Vila, para

frustração dos fangueiros que aguardavam de um «conhecedor das leis», um comportamento mais condizente com a figura jurista que se lhes depa-rou na condução de um órgão de grande responsabilidade. E muitos assuntos haverão a esclarecer, a discutir, não permitindo a sua solução em «conversas de café», sem qualquer representatividade, e até, direi, interesse colectivo, além da aprovação de Planos de Actividades (com satisfação ao velho sabor da Câmara Esposende) e Orçamentos Anuais.

Fão vê um lento e descompassado progresso surgir-lhe, ora por geito de particulares, e valham-lhes esses, sentindo o ciúme por grandes melhoramentos em proximidades executados, em sectores que são de capital importância e necessidade, e que razões menos ponderosas arrebataram.

Nem na condução dos Órgãos da Autarquia, Fão soube emancipar-se e prosperar!

### ROMARIA DO SENHOR DE FAO. CONSTITUIDA A COMISSÃO DE FESTAS

Nos dias 24 a 27 próximo vão realizar-se, como é de tradição, a Romaria ao Senhor Bom Jesus de Fão, vulgarmente conhecida por Romaria do Senhor de Fão.

A festa, tem já tradições nesta região, constituindo a primeira das principais no con-

lho de Esposende. Com o mudar dos tempos, passou a designar-se Festas da Vila, nome que vai tomando forma e prestígio.

A Comissão, como também é de tradição, é constituída por gente bairrista e dedicada, movida pelo seu interesse e arreado amor à terra, além da crença e devoção pelo Senhor Bom Jesus.

Neste ano, a Comissão é constituída por Luís Gomes Viana, Presidente da Junta de Freguesia; Francisco G. Amorim; António G. Viana; Joaquim J. Carlos; Manuel Sá Leites; Belmiro Gomes Viana; Humberto G. Didier; António G. Figueiredo; António R. Ferreira; António B. Rodrigues; Joaquim M. Freitas; José F. Marques; António P. Ribeiro e, como elementos de apoio: irmãos Matias e Arnaldo António Lopes. — C.



## De Forjães

### UMA ESPADA SOBRE OS LAVRADORES

O Governo Pinto Balsemão, por intermédio do Departamento da Agricultura e Pescas — Secção do Plantio da Vinha — com sede em Lisboa, está a mandar umas cartas aos lavradores do Norte com umas listas para nelas ser mencionado o número de videiras legais e ilegais.

(continua na 5.ª página)

# Esposende em noticia...

## Visita Pastoral

No penúltimo domingo, 22 do mês findo, a nossa vila esteve em festa com a Visita Pastoral de D. Manuel Ferreira Cabral, Bispo Auxiliar de Braga.

Na Matriz celebrou a Eucaristia com o templo repleto de fiéis, proferindo duas homilias para adultos e crianças num estilo de narrativa muito próprio, ministrando a seguir o sacramento da Confirmação a mais de uma centena de cristãos doutrinados. Todo o cerimonial, abrilhantado pelo Grupo Coral desta vila, teve esplendor litúrgico.

D. Manuel Ferreira Cabral visitou enfermos e após o meio dia benzeu a parte nova do Cemitério Municipal, aí orando e proferindo uma alocução profunda, mas de grande esperança cristã.

Em tema paralelo, à tarde, na Cantina Escolar, fez passar, num pequeno écran, uma série de diapositivos que nos revelaram o Santo Sudário de Turim—aquele lençol de linho que envolveu o Corpo de Cristo no túmulo até ao momento histórico da sua Ressurreição.

## Associação de pais

No último fim de semana estiveram no Porto, em representação da Associação de Pais de Esposende, quatro dos seus dirigentes, e que participaram nos trabalhos do VI Encontro

Nacional das Associações de Pais.

Na qualidade de observador, o Presidente do Conselho Pedagógico da Escola Preparatória de Esposende, acompanhou os dirigentes da Associação local.

## Falecimentos

### Arminda Santos Almeida

— No passado dia 20 de Fevereiro, faleceu, acometida de ataque cardíaco, a Sr.ª D. Arminda dos Santos Almeida, com 63 anos de idade, esposa do nosso amigo José Alves da Costa e mãe do nosso assinante José Costa, Armindo e Manuel Maria Almeida Costa.

A família enlutada «Jornal de Esposende» apresenta sentidas condolências.

### Laura Fernandes Ramires

esposa do nosso conterrâneo José Casimiro Ramires, faleceu no Brasil, onde se encontrava radicada há bastantes anos.

A saudosa extinta era cunhada de António Ramires, a quem apresentamos os nossos sentimentos de pesar.

### Manuel Lopes R. de Areia

Faleceu no passado dia 1 do corrente, com 88 anos de idade, o Sr. Manuel Lopes Rodrigues de Areia. Era pai das professoras D. Maria Cândida, casada com o Dr. António Losa, D. Maria Amélia, D. Teresa, casada com o Dr. António Sousa e Silva, D. Maria Ermelinda, D. Maria Helena, D. Maria Manuela, casada com

o Juíz Desembargador Dr. Joaquim de Carvalho; do Ten.-Cor. António de Areia, casado com D. Maria da Conceição de Oliveira Areia; e tio do Eng.º José Gonçalo, casado com D. Maria Aurora Reis de Areia.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, com uma concelebração na Matriz, tendo o falecido sido sepultado em jazigo de família.

O extinto foi durante muitos anos o impulsor das Comissões para as Festas da Vila e da Semana Santa e exerceu os cargos de secretário e tesoureiro da Confraria do SS. Sacramento.

A sua numerosa família, as sentidas condolências de «Jornal de Esposende».

## No Mar de Esposende...

O «infel» amigo, o bacalhau, tão caro e arreado dos escaparates comerciais, tem merecido muitas honras, inclusivamente, a saída de muitas divisas que temos depositado em Espanha à procura deste indispensável companheiro de mesa.

Pois o bacalhau, tão disputado e caro, resolveu dar uma fugida até ao mar de Esposende, assim em geito de provocação. A motora «Flor do Cávado», achou atrevimento o desafio e pescou na passada 5.ª-feira, o refinadíssimo e «infel» bacalhau.

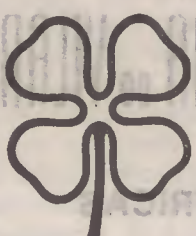
Pesava ele, 5,5 quilos e o atrevido foi vendido ao preço de 197\$00/quilo, na Lota de Esposende.

Rosa Maria C. Costa

FLORISTA

Residência: BELINHO — Esposende

Telefone: 87384



Técnica em arranjos de FLORES:

Nascimentos

Baptizados

Comunhões

Casamentos

Aniversários

Funerais

Plantas e vasos decorativos para adornos interiores

Rua 1.º de Dezembro, 3

Filial no NOVO MERCADO MUNICIPAL

ESPOSENDE



# Estudo toponímico de VILA CHÃ

(Continuação do n.º de Agosto/80)

FACHO, FARO, CASTRELI-NHO, CERCA, CRASTO — Todos estes topónimos se referem a fortificações, algumas de épocas ainda muito recentes como sendo o Facho ou o Faro indicando-nos possíveis lugares onde através de sinais de fogo se avisavam os vizinhos de um possível ataque, etc. Dentro destes topónimos há aqueles que nos conduzem a épocas mais remotas que é o caso de Castrelinho, Crasto e mesmo Cêrca. Quanto ao topónimo Cêrca poderá surgir dificuldades em o ligar a estas fortificações embora nesse lugar haja uma muralha ciclópica e não me consta que outrora houvesse alguma cerca para animais. Em quase toda a cordilheira que vai de Palmeira de Faro a S. Paio de Antras civilizações remotas, influenciaram a toponímia local surgindo assim topónimos como: Crasto, Cividade, Monte das Aras, etc.

PAÇOS, TODOS-OS-PAÇOS, PACINHO, AGRA, AGRA-DE-CORTES, AGRELA — Todos estes topónimos nos podem dar indicação de povoamento na época romana. Agra, Agrela, etc., são como que a continuação dos «Ager» ou «Agri» que nos apareciam na época romana e que evoluiu para Agra. O aparecimento dos topónimos Paço, Pacinho, etc., e que em qualquer destes lugares aparece com abundância tégulae, são como designação de lugares onde na época romana nos apareciam o «Palatium» que era domínio do Senhor «Deinus».

PASSAL — Este topónimo vem de «passus» e diz respeito a um antigo costume de em redor da igreja se contar uns tantos passos ou passadas de terreno que se destinava quer ao cemitério quer à construção de residência dos clérigos.

CANGOSTA-FUNDA — As vias de comunicação desde sempre foram o motor principal de uma zona. Em Vila Chã desde épocas remotas que estas existiam como o provam estudos já realizados. Cangosta-Funda aparece a sul da freguesia e refere-se sem dúvida a um caminho lá existen-

te em que a calçada se encontra a uns três metros das bermas primitivas.

Segundo Leite de Vasconcelos, este nome virá de «canale + angusta» — ou seja um caminho estreito e fundo. Segundo J. M. Piel, vem de «cum + angusta» sendo Adolfo Coelho da mesma opinião ou seja derivada de «coangustus». Somente deste modo se explica a forma mais antiga e mais comum (diz Piel, embora aqui no Norte seja mais corrente: quingosta, ou changosta). Este topónimo é confirmado por um semelhante em castelhano «Congosto» e um outro em galego «Congroto». Cangosta explica-se por dissimilação-o-o=a-o. (J. M. Piel em «Miscelânea de Etimologia Portuguesa e Galega», pág. 101).

CORGO — Este topónimo Corgo significa sulco aberto pelas águas correntes.

CASAIS, ALDEIA — Referem-se a zona onde certamente surgiu o primeiro agregado da freguesia. De facto na época romana junto ao domínio de alguns senhores rurais, apareciam pequenas casas que se denominavam de «cassarii» formando a sua ou com a sua terra o «casales». Também durante o séc. XIII (1220), sabe-se que Vila Chã era constituído por 19 casais.

BARBEIBOS — Com respeito a este topónimo podemos encontrar duas posições: a de Manuel de Boaventura em que afirma que ele é de origem árabe e significa Fontes de Água — BAR + BIETAS; a outra posição é de J. Leite de Vasconcelos, em Opúsculos III (Onomatologia) pág. 177 em que «um documento de 1096 (em Diplomata et Charta n.º 834) dá a seguinte explicação: «in terras ruptas vel barbeitos» (terras lavradas ou cavadas). Segundo o Dic. de Cândido de Figueiredo Barbeito será a primeira lavra de um terreno para o deixar de alqueive (descanço) ou então terreno que produz apenas pastagens fracas usando-se mais este termo na província do Minho.

Na Espanha «barbecho» tem o mesmo sentido «tierra labrantia que no se es siembra durante uno é mas años». (cit. idem L. Vasconcelos Op. III pág. 177).

por MANUEL A. NEIVA

JUNCAL, JUNCOSA, GESTAL, FEITEIRA, FEITAL, SOAGES, FIGUEIRA, AMEIXEIRA, CERQUEIRAS, AMIAL — São fitopónimos que indicam lugares onde predominavam determinadas plantas mas que devido aos arroteamentos se foram transformando em terrenos de cultivo, deixando assim de existir essa vegetação restando unicamente o topónimo.

BAJOCA — Talvez queira significar o mesmo que Bajouca ou Bajunco, topónimos referidos por Domingos A. Moreira em Paisagem Toponímica da Maia, como sendo: depressão num lagedo, onde se aglomeram as águas das chuvas. Onde aparece este topónimo há de facto uma grande

poça de água estando assim possivelmente relacionados.

BORREIROS — O Dic. de Cândido de Figueiredo dá-o derivado de borra, o que condiz, uma vez que é um lugar de muita lama.

PINVELO — Parece-me que este topónimo está alterado pois que há conhecimento de Pindelo que vem de «pinus» — pinheiro pelo diminutivo — pinetellum.

ROSENDO ou ROSENDES — É um nome muito vulgar na I. Média. S. Rosendo foi o fundador do mosteiro de Cela Nova, Orense em 978. Trata-se de um nome germânico (visigótico) Ranusindus, podendo também provir de Rodosindus

(J. M. Piel em Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa, pág. 252).

SANDIZES — Trata-se também sem dúvida de um nome germânico: SCangidus em que se pode decompor em duas partes Sunja = verdade + Hildes = luta (J. M. Piel, Op. Cit. pág. 261).

TALHO — Este topónimo vem de TALIUS ou seja um pedaço de terra — talhão.

VESSADAS — É característico de uma zona onde a terra foi virada ou seja — terra versata.



Para além destes topónimos centenas ainda podiam ser escolhidos e estudados, dando assim mais contributo para a história de Vila Chã, mas que serão de certeza alvo de um futuro estudo.

## PALMEIRA DE FARO

(continuação da 3.ª página)

cipal da igreja para apreciar os contornos das pernas das mulheres.

Consta que, ainda muito recentemente, muitas das mulheres da freguesia, evitavam passar por cima dessa sepultura.

### Festas e Romarias

Não há muitas festas ou romarias características em Palmeira. Uma há, no entanto, que prende as atenções gerais e muito frequentada ainda por gentes da região.

Santo António do Monde é o lugar mais próximo da vila, local de onde se abasteceu, durante longos anos, da melhor água das redondezas. A sua festa, realiza-se no domingo seguinte ao dia 13 de Junho e caracteriza-se pelo pitoresco do local.

Santa Eulália, padroeira da freguesia, tem a sua festa. Em tempos idos, caracterizava-se pela vaca do fogo e pela jan-tarada que o juiz da festa tinha obrigação de preparar para o povo e seus convidados de honra.

### Noticias do Concelho

(continuação da 4.ª página)

Uma cópia fiel do falecido passado...

Que se esperava? Junto vem a ameaça de multa de 10\$00 por pé de videira até ao seu corte. Uma barbaridade.

### Grupo Folclórico de Palmeira

Fundado por José Azevedo e António Faria, de colaboração com Manuel de Boaventura, a partir de 1959 passa a exhibir-se o Grupo Folclórico de Palmeira.

Composto por 30 figuras, incluindo tocadores de concertina, bombo, violas e cavaquinhos, após alguns anos de interregno, reaparece a

público, renovado, com vestuário característico e tradicional da região.

Não dispõe de fundos que lhe permitam desafogo para sobreviver. No entanto, a carolice dos componentes e o devotado gosto dos conterrâneos, o Grupo vai tentar conservar-se em actividade.



Presentemente é orientado e ensaiado por Albino Martins e Laurentina Lima Maciel.

Procuram bater no lavrador que produz vinho são e poupam os mixordeiros do vinho a martelo!

Nos outros governos anteriores — comunistas, socialistas e carneiristas — nenhum nos agrediu com estas ameaças! Vejam só.

A Lavoura já só está entregue aos velhos, aos que ainda amam a terra; quando estes acabarem, que vai ser? Os novos não são tão tolos, e vendo o «carinho» que o Governo dá aos agricultores, fogem da Lavoura como o diabo da cruz. Que bebam água todos os portugueses, é o que se deduz.

### HONROSAS VISITAS

Estiveram em Forjães, na tarde do dia 17 de Fevereiro, alguns jornalistas dos diários nortenhos, que vieram acompanhados pelos directo-

res do Turismo de Viana do Castelo.

O motivo, foi uma reportagem documental sobre a freguesia.

Viram tudo. Apenas a Quinta de Curvos se furtou a essa visita!

O povo de Forjães tem alguns direitos sobre a mesma Quinta, pois era antigamente facultada a visita das pessoas. Ali se criaram Lendas que o povo não esquece.

O turismo nacional, por intermédio das autarquias locais, tem uma palavra a dizer.

### FALECIMENTO

Faleceu o Sr. António Sampaio, em S. Paulo, onde exercia a profissão de técnico num Laboratório. Faleceu este Homem Bom de Forjães.

Que Deus o tenha em bom lugar. — C.

PALADAR DELICIOSO E VIDA SÃ...

...só com AZEITE

Ouro da Lousã

AZEITE \* EXTRA \* VIRGEM

Manuel Correia Pedroso

Telef. 89701

ESPOSENDE



# O restauro dos Paços do Concelho

projectado e dirigido pelo Arquitecto NOÉ DINIS, custou mais de 13 mil contos

(continuação da 1.ª página)

A chegada do Ministro, o reverendo arcebispo de Esposende, em representação do Prelado da Diocese de Braga, procedeu à bênção do edifício, seguindo-se, no Salão Nobre, a leitura da acta que assinala a inauguração. O Eng.º Alexandre Losa, Presidente da Câmara, pronunciou um discurso de boas vindas às entidades presentes, referindo o «estado avançado de degradação do edifício», justificando, com descentralização regional, a ampliação das atribuições cometidas aos municípios, afirmando, que está nos seus objectivos «transformar este concelho num concelho mais

moderno, mais culto e mais rico. E, para atingir estes objectivos, é preciso investir em vários campos: ensino, saneamento básico, turismo, urbanismo, habitação social, protecção à família, etc., etc.».

Em resposta, o Ministro enalteceu a acção dinamizadora dos municípios e do seu contexto na descentralização de poderes, dizendo que «as autarquias, mais que nunca, gozam da autoridade necessária para gerir os interesses das populações» e se possa exercer mais efectivamente, os poderes que lhes são devidos. Anunciou ainda, a próxima publicação de mais dois diplomas para reforço do poder local através da Lei das com-

petências e dos investimentos, formando-se o tripé, com tais diplomas, para maior dinamismo das autarquias.

O Ministro terminou o seu discurso dizendo: «o edifício é o símbolo da concórdia e da compreensão de todos e de efeitos sádios até com reflexos partidários».

Seguiu-se uma visita às instalações, sendo aberta a exposição bio-bibliográfica de Manuel de Boaventura, o contista e etnógrafo que dedicou sessenta dos seus melhores anos ao serviço da cultura e da investigação.

No Hotel de Ofir, a Câmara Municipal ofereceu um almoço à comitiva ministerial e a numerosos convidados.

## A MINHA OPINIÃO...

### A propósito das novas Instalações da Câmara Municipal

As novas instalações da Câmara Municipal de Esposende, há pouco inauguradas, proporcionarão um apoio logístico à Administração local, agora equipada com um mínimo de recursos técnicos, dimensionados para um municipalismo de vanguarda, indispensável para o desejável desenvolvimento sócio-económico do nosso concelho.

Já no século passado, o nosso ilustre conterrâneo, ANTÓ-

NIO RODRIGUES SAMPAIO (um gestor público de inegáveis recursos) defendia a concepção do MUNICIPALISMO FORTE, que apadrinou através da sua profícua acção governativa. Em 1881 como Presidente do Concelho de Ministros e Ministro do Reino, opera a descentralização administrativa, fortalecendo o MUNICÍPIO e responsabilizando os povos das vilas e aldeias pela gerência dos seus próprios assuntos, permitindo aos cidadãos, progressivamente, robustecer a sua consciência cívica.

Naturalmente que a evolução das sociedades modernas, originou a criação de complexos serviços nas administrações locais, com particular incidência nas Câmaras Municipais que, forçosamente, terão de estar devidamente instaladas e equipadas para responder, minimamente, às solicitações do vulgar cidadão.

O concelho de Esposende, a viver uma época de franco ressurgimento sócio-económico, encontrará, certamente nas renovadas instalações do Município, uma administração mais eficaz e com melhor prestação de serviços.

Será mais uma obra que ficará a atestar a determinação e capacidade dum concelho definitivamente virado para o futuro e para o progresso.

F. CEPA

Presidente da Junta de Freguesia de Mar

### A ACTIVIDADE DOS

### B. V. E.

Serviços efectuados no ano de 1980

Incêndios	20
Acidentes de viação, doenças súbitas, quedas e agressões	450
Condições de doentes a hospitais	728
Outros serviços (I. S. N. prevenção nas praias, instruções, escoamentos, funerais, etc.)	280
<b>Total</b>	<b>1478</b>

Quilómetros percorridos pelas viaturas

Ambulâncias	68 316
Pronto Socorros	4 927
<b>Total</b>	<b>73 243</b>

Durante o ano, os Voluntários, dispuseram de 9273 horas para efectuar o total de serviços já referidos.

Em relação ao ano anterior, houve um acréscimo de 580 serviços, 23 000 Kms percorridos e 2800 horas.

Em

## cima da hora

Carnaval é mesmo assim: folião, brincalhão e, no caso de Esposende, trapalhão.

A notícia chega-nos mesmo com o nosso jornal a entrar na máquina, mas o acontecimento merece a interrupção.

Isto da gente ficar a chuchar no dedo, já foi de outros tempos! Agora quem chupa na «teta» são os «nossos irmãos» brasileiros que, por dá cá daquela palha, vagueiam por este país, subdesenvolvido telenovelisticamente.

É uma pena! Ver tanta gente eufórica com toda esta brasileirada. Até os meios de comunicação. Imaginem só!

Nós que estávamos «numa má», passamos a estar «todos numa boa», apesar da «seca» que a Televisão todos os dias nos eferece.

Mas deixemo-nos de paleativos e vamos ao que nos levou a interromper a impressão do «Jornal de Esposende».

O Carnaval de Esposende que tem sido, nos últimos anos, dos melhores do Norte, tem como convidada de honra, imaginem só, «a tal de Glorita», não a Soares da Cunha, porque, coitadinha, ainda continua com complexos, mas a Glória Soares, é... a «esticadinha» da «D. Xepa». Traz cá uma dose de ensinadela que vocês nem imaginam! E disse-nos que isso de «Água Viva» é pior do que a hortaliça da Xepa; isto para além de ser outra patacoada da nossa TV.

E, para já, é tudo. Se tivermos tempo e.. feito vamos convidá-la para vir à nossa Redacção, mas antes temos de saber onde ela fica.

Para o próximo número daremos mais pormenores deste «espantoso» Carnaval.

REPORTER K

## Curso de Jornalismo

### ESPOSENDE, O MAIS EVOLUÍDO!

O Delegado Distrital do FAOJ esteve presente numa das lições sobre o Curso de iniciação ao Jornalismo.

Nas breves palavras pronunciadas, congratulou-se pelo facto da turma de Esposende, nesta altura do Curso, ser a mais evoluída e a mais culta. Anunciou, entretanto, que em Outubro próximo e pelos resultados até agora obtidos, a abertura de outro curso complementar, mais desenvolvido e com matéria nova de modo a permitir uma formação mais eficiente aos candidatos.

O curso vai, pois, continuar, devendo assinalar-se a presença de Jorge Cruz, represen-

tante de «Jornal de Notícias», Jorge Ferreira, de «O Primeiro de Janeiro» e Melo e Costa, de «O Comércio do Porto».

Os temas tratados, como não podia deixar de ser, prendeu as atenções dos jovens candidatos que manifestaram assim, o interesse pelos ensinamentos ministrados.

«Jornal de Esposende» está disponível para os jovens candidatos ensaiem, na prática, os ensinamentos já recebidos, podendo anunciar que reservará espaço para as «crónicas» dos interessados, além de outros assuntos ou noticiários, que venham a apresentar, com interesse para ser publicado.

## DR. MATEUS ESTEVES

MÉDICO

ESPECIALISTA EM ORTOPEDIA

(Ossos e Articulações)

Consultas às 5.as-Felras, das 16 às 20 horas

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOSENDE

Consultório DR. COSTA E SILVA

## JORNAL DE ESPOSENDE

Redacção - Admin.: Avenida Marginal (ao Norte) - 4740 ESPOSENDE

avanzado  
PORTE  
PAGO